FLORA ARBÓREA

São José de Uba, RJ
Microbacia Valão de Santa Maria

RIO RURAL

CONHECER PARA PROTEGER

Monitoramento, 02

FLORA ARBÓREA

São José de Ubá, RJ: Microbacia Valão de Santa Maria

Marcelo Trindade Nascimento (Editor Técnico)
Aline Alves do Nascimento
Ana Carolina Caetano Ribeiro
Karla Maria Pedra de Abreu Archanjo
Marcelo Paixão Reis
Mariana Alves Faitanin
Maurício Lima Dan
Tatiane Pereira de Souza

Niterói - RJ - Dezembro de 2018

PROGRAMA RIO RURAL
Secretaria de Estado de Agricultura, Pecuária, Pesca e Abastecimento
Superintendência de Desenvolvimento Sustentável
Alameda São Boaventura, 770 - Fonseca - 24120-191 - Niterói - RJ
Telefones:(21) 3607-5398 e (21) 3607-6003 - e-mail: microbacias@agricultura.rj.gov.br

Projeto Gerenciamento Integrado de Agroecossistemas em Microbacias Hidrográficas do Norte-Noroeste Fluminense - RIO RURAL/GEF

Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF)
Centro de Biociências e Biotecnologia (CBB)
Laboratório de Ciências Ambientais (LCA)
Av. Alberto Lamego, 2000. - Campus UENF - P5 - LCA - Sala 203 - 28013-600.
Campos dos Goytacazes - Rio de Janeiro – Brasil -
Tels. (22) 2739-7141 - mtn@uenf.br
http://www.uenf.br - http://www.uenf.br/Uenf/Pages/CBB/Herbario/
http://biodiversidade.uenf.br

Governo do Estado do Rio de Janeiro

Secretaria de Estado de Agricultura, Pecuária, Pesca e Abastecimento

Superintendência de Desenvolvimento Sustentável

Nascimento, Marcelo Trindade;
Flora Arbórea: São José de Ubá, RJ:
microbacia Valão de Santa Maria / Marcelo Trindade nascimento, com a colaboração de Aline Alves do Nascimento... [et al.]. --Niterói: Programa Rio Rural, 2018.
35 p.; 21 cm. -- (Programa Rio Rural. Monitoramento; 1).

Programa de Desenvolvimento Rural Sustentável em Microbacias Hidrográficas do Estado do Rio de Janeiro. Secretaria de Agricultura e Pecuária.

Projeto: Gerenciamento Integrado em Microbacias Hidrográficas do Norte-Noroeste Fluminense.

1. Abelha-Criação. 2. Flora Arbórea. I. Série. II. Título.

Sumário

- Apresentação 7
- Por que preservar? 8
- Principais ameaças à flora 9
- Conhecer para proteger 10
- Monitoramento da flora 11
- Bacia Hidrográfica de São Domingos 12
- Fragmentos da mata estudados 13
- Principais espécies encontradas 14
- Estratégias para recuperação 25
- Subprojeto contemplado no Programa Rio Rural/BIRD/GEF 28
- Como colaborar para a manutenção da Biodiversidade 33
- Referências bibliográficas..... 34
- Orgãaos ambientais na região..... 34

APRESENTAÇÃO

Flora é o conjunto de espécies vegetais (lenhosas ou herbáceas) de uma determinada região e/ou ecossistema. O Brasil apresenta alta biodiversidade da flora contendo mais de 46 mil espécies conhecidas, com cerca de 33 mil angiospermas, 6 mil fungos e 5 mil algas, compreendendo em torno de 20% da flora do mundo. Mesmo assim, ainda há muito a ser descoberto, pois nas florestas brasileiras existem milhares e milhares de espécies de plantas desconhecidas ou pouco estudadas. Muitas delas encontram-se em fase de extinção e outras já extintas na natureza antes de serem conhecidas cientificamente.

A flora brasileira é formada por diversos biomas, como: Amazônia, Cerrado, Caatinga, Mata Atlântica, Pampa e Pantanal, além dos ecossistemas associados da Mata Atlântica: Mangue e Restinga. Esses biomas estão espalhados por diversos habitats, desde florestas de terra firme até campos rupestres e de altitude. Cada bioma deste apresenta um conjunto de espécies vegetais adaptado às condições ambientais da região. Todavia, muito destes biomas como Mata Atlântica e Cerrado estão altamente ameaçados devido ao desmatamento principalmente para atividades agropecuárias.

Existe uma enorme variedade de utilização das espécies de plantas pelo homem, o que comprova a sua importância para a humanidade, seja na utilização de plantas para alimentação, medicina, vestuário, construção civil, móveis; fabricação de papel; produção de perfumes, inseticida entre outros.

Respeitar a biodiversidade da flora significa educar para a vida, para a preservação das diferentes formas de vida. Isto inclui equilibrar todas as atividades humanas desencadeadas pelo avanço tecnológico, reduzindo a poluição, o desmatamento, o desequilíbrio ecológico, o problema energético e a falta de alimentos no mundo.

POR QUE PRESERVAR ?

Preservar a biodiversidade da flora é importante porque:

- Mantém a diversidade (variedade de espécies);
- As plantas servem de abrigo e alimentação para muitos animais;
- Muitas plantas são utilizadas na alimentação humana;
- Plantas são utilizadas como remédios de diversas formas;
- Plantas são utilizadas na fabricação de cosméticos, produção de papel, artesanato, industrial têxtil, construção civil, carpintaria e marcenaria (móveis, embalagens, torneados, cabos de ferramentas) e na fabricação de instrumentos musicais;
- Através das plantas podem ser extraídos óleos para a fabricação de combustível que polui menos o meio ambiente que os combustíveis convencionais - biodiesel;
- As plantas embelezam o ambiente, purificam o ar, protegem e fertilizam o solo, protegem nascentes de água, rios e córregos.

Sem plantas não há vida!

PRINCIPAIS AMEAÇAS À FLORA

As principais ameaças à nossa flora são: exploração desgovernada e ilegal de madeira, desmatamentos e queimadas. Muitas áreas de matas nativas foram e estão sendo substituídas por pastagens ou por áreas agrícolas, reduzindo drasticamente o tamanho original de nossas florestas.

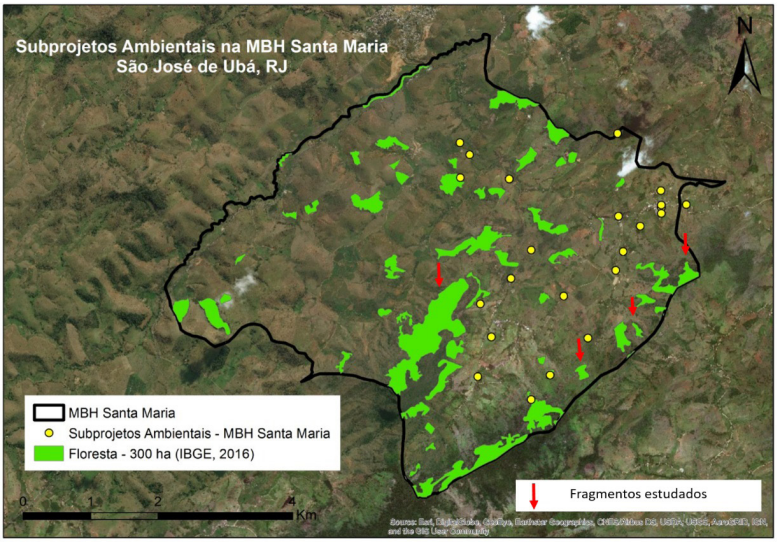
CONHECER PARA PROTEGER

Os estudos sobre a flora brasileira fornecem conhecimento tanto para os pesquisadores quanto para a comunidade de modo geral. Tais informações são importantes para auxiliar na elaboração de políticas para a preservação de nossas florestas e da recuperação de áreas degradadas, principalmente aquelas situadas em Áreas de Preservação Permanentes (APPs), tais como o entorno de nascentes e as margens de rios e lagos. Infelizmente, há pouco reconhecimento da importância desses estudos e ausência de associação entre a preservação ambiental com as mudanças climáticas, efeito estufa e outros eventos climáticos catastróficos.

Iniciativas conservacionistas como aquelas desenvolvidas pelo Programa Rio Rural/GEF têm contribuído para a adoção de práticas agropecuárias sustentáveis por pequenos produtores rurais. Estas iniciativas incluem também coletas de plantas em vários fragmentos de mata da região Norte-Noroeste Fluminense para identificação, estudos científicos e enriquecimento da coleção botânica do Herbário UENF.

MONITORAMENTO DA FLORA

Para o monitoramento da biodiversidade da flora, na segunda fase do projeto, foram selecionadas duas Microbacias Hidrográficas: Microbacia Brejo da Cobiça, localizada no município de São Francisco de Itabapoana, e Microbacia Valão de Santa Maria em São José de Ubá, ambas no Rio de Janeiro. Em cada Microbacia foram selecionados fragmentos de Mata Atlântica para o levantamento da flora e áreas de pequenos produtores rurais contemplados com subprojetos ambientais de Recuperação de Mata ciliar e de Proteção de Nascentes. Nesta cartilha estaremos abordando os principais resultados obtidos no monitoramento da flora da Microbacia Valão de Santa Maria.



BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO SÃO DOMINGOS

A Bacia Hidrográfica do Rio São Domingos (BHRSD) faz parte do complexo hidrográfico da Bacia do rio Paraíba do Sul, onde o rio São Domingos é afluente de segunda ordem do rio principal. Possui cerca de 90% de sua área de 280 km2 ocupada pelo município de São José de Ubá que pertence à Região Noroeste Fluminense, ocupando uma área total de 251 Km2.

As principais atividades econômicas da região são: pecuária leiteira e culturas de tomate, pimentão e pepino. O Município é um dos maiores produtores de tomate salada do Brasil e o 2º maior produtor do Estado do Rio de Janeiro.

Segundo informações da Fundação SOS Mata Atlântica (2007), a área do município de São José de Ubá, que originalmente era completamente coberta por Mata Atlântica, atualmente possui apenas 4% de remanescentes, totalizando 923 ha de mata. Suas matas são classificadas como Floresta Estacional Semidecidual Submontana, são florestas que perdem 20% – 50% de suas folhas na estação seca e ocorrendo de 50 a 500 m de altitude.

O clima nestas florestas caracteriza-se por uma estação seca e outra chuvosa, das quais a duração influencia na porcentagem de 30% a 40% de queda das folhas.

FRAGMENTOS DE MATA ESTUDADOS
NA BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO SÃO DOMINGOS

Fragmentos de mata visitados na Microbacia Valão de Santa Maria, em São José de Ubá – RJ. (A), Fragmento localizado na Fazenda Medeiros, (B), Fragmento localizado na Fazenda do Sr. José Francisco, (C), Fragmento localizado na Fazenda do Sr. José Maria, (D), Fragmento localizado na Fazenda Prosperidade, (E e F) Fazenda Medeiros.

PRINCIPAIS ESPÉCIES ENCONTRADAS

Nome científico: *Astronium concinnum* Schott.
Família botânica: Anacardiaceae
Nome popular: aroeira-rajada, guarubu-violeta, itapicuru-ferreira e mucuri
Distribuição: Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais, Rio Grande do Norte e Sergipe

Informações importantes: É uma das árvores mais altas da floresta, facilmente reconhecida à distância durante o período de frutificação devido a cor rósea intensa de seus frutos. A madeira é muito pesada, dura ao corte e muito durável, sendo muito utilizada para a confecção de móveis de luxo, objetos de adorno torneados, esquadrias, tacos e tábuas para assoalhos, lambris e para obras externas. Também muito empregada na construção civil e naval. A árvore fornece ótima sombra e pode ser aproveitada com sucesso no paisagismo rural e para a arborização de parques e grandes jardins.

PRINCIPAIS ESPÉCIES ENCONTRADAS

Nome científico: *Amburana cearensis* (Allemão) A.C.Sm.
Família botânica: Leguminosae
Nomes populares: cerejeira, amburana e cumaru de cheiro
Distribuição: Tocantins, Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Goiás, Mato Grosso do Sul, Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo

Informações importantes: Esta espécie encontra-se na lista de espécies ameaçadas de extinção. Possui uma madeira moderadamente pesada, macia e durável; empregada para mobiliário fino, decoração, esculturas, balcões e marcenaria em geral. As sementes possuem odor agradável antes muito utilizada para perfumar roupas. A árvore é muito ornamental, principalmente pelos ramos e troncos que são lisos de cor vinho ou marrom avermelhado. Pode ser empregada com sucesso no paisagismo em geral.

PRINCIPAIS ESPÉCIES ENCONTRADAS

Nome científico: *Euterpe edulis Mart.*
Família botânica: Arecaceae
Nomes populares: Juçara, palmito- juçara, içara, palmiteiro-doce.
Distribuição: Alagoas, Bahia, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Sergipe, Distrito Federal, Goiás, Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina
Informações importantes: o popular palmito, é mantido em conserva e largamente consumido na alimentação em todo o Brasil. Os frutos atraem pássaros, roedores e mamíferos e as sementes podem ser utilizadas em ração animal. A casca do fruto fornece tinta para tingimento de tecidos. As folhas são usadas no artesanato e também como ração animal. Esta planta é ornamental e pode ser cultivada em vaso e em jardim. Atualmente, o palmiteiro encontra-se confinado as unidades de conservação e, raramente, em remanescentes da Mata Atlântica. Por suas características ecológicas e econômicas o Euterpe edulis Mart. é uma espécie chave para o manejo sustentável das florestas nativas da Mata Atlântica. Nos fragmentos que restam, palmiteiro é raro, exigindo, portanto, intervenções silviculturais para o estabelecimento desta espécie.

PRINCIPAIS ESPÉCIES ENCONTRADAS

Nome científico: *Hymenaea courbaril* L.
Família botânica: Leguminosae
Nome popular: jatobá
Distribuição: Acre, Alagoas, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rondônia, Roraima, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, São Paulo, Sergipe e Tocantins.

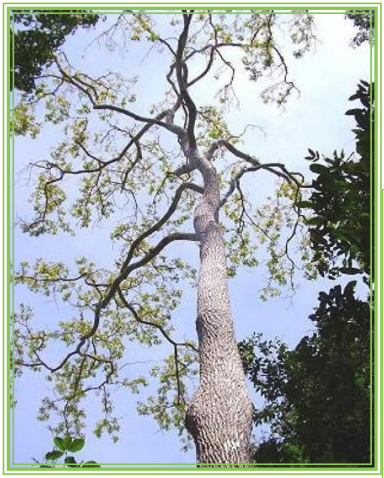
Informações importantes: Madeira pesada, dura ao corte e resistente ao ataque de insetos. Muito utilizada na construção civil tanto para estrutura quanto para acabamentos internos, para confecção de artigos esportivos, cabos de ferramentas, peças torneadas, esquadrias e móveis. A árvore, de fácil multiplicação, não pode faltar na composição de reflorestamentos heterogêneos e, na arborização de parques grandes e jardins. Os frutos contêm uma farinha comestível e muito nutritiva, consumida tanto pelo homem como pelos animais silvestres.

PRINCIPAIS ESPÉCIES ENCONTRADAS

Nome científico: *Peltophorum dubium* (Spreng.) Taub.
Família botânica: Leguminosae
Nomes populares: canafístula, acácia amarela, amendoim, amendoim bravo, amendoim falso, angico, angico amarelo, angico bravo, monjoleiro, pau vermelho, quebra serra, sobrasil, tamboril.
Distribuição: do Estado da Bahia (Brasil) até Argentina e Paraguai.

Informações importantes: Sua madeira tem sido empregada para múltiplas aplicações, e sua casca contém tanino que é utilizado em curtumes. Como ornamental é recomendada para arborização urbana, por produzir sombra fechada, em virtude da folhagem densa. Seu porte é ideal para a formação de maciços ou grupos arbóreos.

PRINCIPAIS ESPÉCIES ENCONTRADAS



Nome científico: *Paratecoma peroba* (Record & Mell) Kuhlm.
Família botânica: Bignoniaceae
Nomes populares: peroba, peroba amarela, peroba do campo, peroba manchada, peroba tremida e ipê peroba.
Distribuição: Espírito Santo, Minas Gerais e Rio de Janeiro.

Informações importantes: a madeira é apropriada para mobiliário de luxo, revestimentos decorativos, laminados, esquadrias, tacos, assoalhos, rodapés, peças torneadas, vigas, caibros e construção naval. É ornamental podendo ser usada em paisagismo em parques, praças e grandes jardins. Devido a sua grande utilidade e a alta qualidade se sua madeira, esta árvore foi e ainda é bastante explorada restando pouquíssimos exemplares em áreas de mata e muitos dos que são encontrados são novas ou estão rebrotando após o corte.

PRINCIPAIS ESPÉCIES ENCONTRADAS

Nome científico: *Cariniana estrellensis* (Raddi) Kuntze
Família botânica: Lecythidaceae
Nomes populares: jequitibá
Distribuição: Acre, Bahia, Distrito Federal, Goiás, Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Santa Catarina

Informações importantes: Madeira moderadamente pesada, pouco durável sob condições naturais, muito utilizada para estrutura de móveis, peças torneadas, molduras, compensados, saltos de sapatos, cabos de ferramentas e na construção civil para construção de peças internas como vigas, caibros, ripas, forros, persianas, etc. Suas sementes são muito consumidas por macacos. A árvore possui qualidades ornamentais, entretanto, devido ao seu grande porte, é recomendado para o paisagismo de parques e grandes jardins. É uma planta indispensável nos reflorestamentos heterogêneos com fins ecológicos.

PRINCIPAIS ESPÉCIES ENCONTRADAS

Nome científico: *Myrocarpus frondosus* Fr. All.
Família botânica: Leguminoseae
Nomes populares: óleo-vermelho
Distribuição: Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina
Informações importantes: Esta espécie possui uma madeira pesada, dura ao corte e de grande durabilidade, mesmo em obras expostas. A madeira é muito empregada na construção civil, como caibros, ripas, vigas, para obras externas, como vigas para pontes, moirões, dormentes, para confecção de rodas, móveis, balcões, tábuas para assoalhos, carrocerias, peças torneadas. As flores são melíferas. O tronco libera um líquido aromático usado na medicina popular. A árvore é ornamental e pode ser usada no paisagismo de parques e grandes jardins.

PRINCIPAIS ESPÉCIES ENCONTRADAS

Nome científico: *Handroanthus ochraceus* (Cham.) Standl.
Família botânica: Bignoniaceae
Nomes populares: ipê-amarelo.
Distribuição: Pará, Tocantins, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná.

Informações importantes: A madeira é muito pesada, dura ao corte, de alta resistência mecânica e de longa durabilidade mesmo quando em condições favoráveis ao apodrecimento. Possui madeira apropriada para usos externos, como pontes e dormentes. Para o acabamento interno de casas como assoalhos, batentes, degraus de escadas, lambris, esquadrias, etc., para a confecção de peças torneadas, como bolas de boliche, instrumentos musicais, para carrocerias, cabos de ferramentas, etc. Seu florescimento exuberante é um belo espetáculo da natureza, o que estimula seu emprego no paisagismo em geral. Como plantas adaptadas a terrenos secos, é útil para plantios em áreas degradadas.

PRINCIPAIS ESPÉCIES ENCONTRADAS

Nome científico: *Dalbergia nigra* (Vell.) Fr. All. Ex Benth.
Família botânica: Leguminosae
Nomes populares: cabiúna, jacarandá, jacarandá-da-bahia
Distribuição: Alagoas, Bahia, Paraíba, Pernambuco, Sergipe, Espírito Santos, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná

Informações importantes: A madeira é moderadamente pesada, bastante decorativa, muito resistente e de longa durabilidade natural. É uma espécie ameaçada de extinção. Esta planta possui uma madeira apropriada para mobiliário de luxo, sendo empregada na construção de piano; além disso, é empregada em acabamentos internos da construção civil, como lambris, molduras, portas, rodapés, revestimento de móveis, peças torneadas, instrumentos musicais, etc. A árvore é muito ornamental, principalmente pela folhagem delicada e forma aberta de sua copa; é muito empregada no paisagismo em geral. Como planta rústica e adaptadas a terrenos secos, é ótima para plantios mistos em terrenos degradados.

PRINCIPAIS ESPÉCIES ENCONTRADAS

Nome científico: *Lecythis pisonis* Camb.
Família botânica: Lecythidaceae
Nomes populares: astanheira de sapucaia e sapucaia
Distribuição: Acre, Amazonas, Bahia, Espirito Santo, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rondônia e São Paulo.

Informações importantes: Esta espécie possui uma madeira dura, resistente; apropriada para obras externas, como postes, dormentes, moirões, estacas, esteios, pontes, mastros, para construção civil, como vigas, caibros, ripas, tacos e tábuas para assoalhos, batentes de portas e janelas, para a confecção de peças torneadas, peças flexíveis, carrocerias, cabos de ferramentas, etc. As castanhas são comestíveis e muito saborosas, sendo muito apreciadas também pelos animais. O fruto é lenhoso e utilizado na decoração e como recipiente em zonas rurais.

ESTRATÉGIAS PARA RECUPERAÇÃO
DE ÁREAS DEGRADADAS

Ações do Pacto pela restauração ecológica da Mata Atlântica compreendem, além da recuperação de áreas públicas degradadas, a recuperação das funções das florestas nativas que no passado foram exploradas para a produção agrícola ou de áreas protegidas como Áreas de Preservação Permanente e Reserva Legal, ou ainda aquelas com baixa qualidade para a produção agrícola e com alto potencial para o desenvolvimento florestal.

Neste sentido, iniciativas prioritárias para recuperação de áreas degradadas que possuem situação ambiental com baixa diversidade florística e baixa densidade de indivíduos arbóreos, isolada ou não na paisagem regional, estão citadas a baixo:

1 - Isolamento e retirada dos fatores de degradação, para expressão da regeneração natural;

2 - Adensamento (preenchimento com as mesmas espécies da regeneração natural, em locais onde a mesma não se expressou);

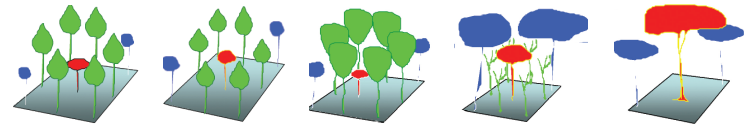
3 - Enriquecimento florístico e genético com mudas e/ou com sementes (semeadura direta) de espécies das “várias formas de vida” típicas dessa formação, de preferência dos estágios avançados de sucessão.

Recuperar uma área degradada é de extrema importância para a revegetação e ampliação e/ou estabelecimento da diversidade biológica.

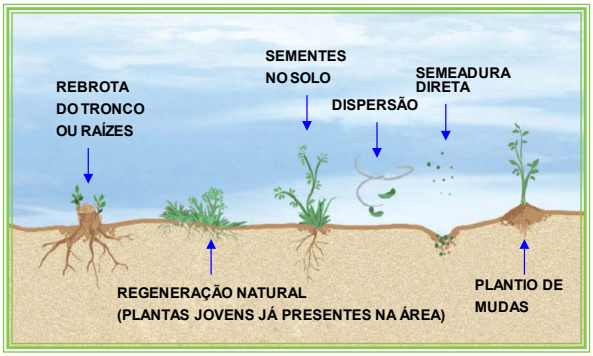
ESTRATÉGIAS PARA RECUPERAÇÃO
DE ÁREAS DEGRADADAS

Iniciativas de recuperação de área degradada a partir do plantio de mudas de espécies nativas são desenvolvidas utilizando módulos com espécies pertencentes aos três grupos sucessionais como: pioneiras, secundárias iniciais e tardias, onde os componentes desses grupos se substituiriam gradualmente ao longo do tempo, como demonstrado no esquema ilustrativo.

Pioneiras (Pi) Secundárias Iniciais (SI) Secundárias Tardias (ST)



Possíveis métodos para restauração ecológica, desde aproveitamento do potencial de regeneração local, passando por monitoramento da chegada de propágulos até o plantio de mudas:



Fonte: http://www.pactomataatlantica.org.br

LISTA DE ESPÉCIES SUGERIDAS

Espécie	Nome vulgar	CS	SD
Albizia polycephala (Benth.) Killip ex Record	monjolo alho	SI	ane
Alchornea triplinervia (Spreng.) Müll.Arg.	folha-de-bolo	SI	zoo
Alseis pickelii Pilger & Schmale	goiabeira	ST	ane
Amburana cearensis (Allemão) A.C. Sm.	cerejeira	ST	ane
Andradea floribunda Allemão	siriba	SI	ane
Annona cacans Warm.	araticum-cagão	SI	zoo
Astrocaryum aculeatissimum (Schott) Burret	iri	Pi	zoo
Astronium concinnum Schott exSpreng.	guarubú-preto/gonçalo-alves	ST	ane
Astronium graveolens Jacq.	aderno	SI	ane
Brosimum glaziovii Taub.	leiteira	SI	zoo
Brosimum guianense (Aubl.) Huber	leiteira	SI	zoo
Cabralea canjerana (Vell.) Mart.	cedro-canjerana	SI	zoo
Cariniana estrellensis (Raddi) Kuntze	jequitibá-branco	ST	ane
Carpotroche brasiliensis (Raddi) Endl.	sapucainha	ST	zoo
Casearia sylvestris Sw.	erva-de-lagarto / arco de pipa	Pi	aut
Chrysophyllum lucentifolium Cronquist	jacoá preto	ST	zoo
Copaifera lucens Dwyer	copaíba	ST	zoo
Cupania vernalis Cambess.	camboatá	SI	zoo
Dalbergia nigra (Vell.) Allemão exBenth.	jacarandá-cabiúna	SI	ane
Erythrina verna Vell.	mulungu	SI	ane
Euterpe edulis Mart.	palmito jussara	ST	zoo
Gallesia integrifolia (Spreng.) Harms	pau d'alho	ST	ane
Guapira opposita (Vell.) Reitz	maria-mole	SI	zoo
Handroanthus ochracea (Cham.) Standl.	ipê-amarelo	ST	ane
Hymenaea courbaril Link	jatobá	ST	zoo
Inga laurina (SW.) Willd.	ingá	SI	zoo
Inga striata Benth.	ingá	SI	zoo
Joannesia princeps Vell.	boleira/cutieira	Pi	aut
Maytenus brasiliensis Mart.	fruta-de-papagaio	ST	zoo
Metrodorea nigra A.St.-Hil.	goreitá	ST	aut
Myrocarpus frondosus Allemão	óleo vermelho	ST	ane
Myrsine umbellata Mart.	capororoca	SI	zoo
Pachystroma longifolium (Nees) I.M.Johnst.	gumané	SI	aut
Parapiptadenia pterosperma (Benth.) Brenan	angico, monjolo branco	SI	ane
Paratecoma peroba (Record & Mell) Kuhlm.	peroba	ST	ane
Peltophorum dubium (Spreng.) Taub.	faveira	SI	ane
Piptadenia gonoacantha (Mart.) J.F.Macbr.	pau jacaré	Pi	ane
Prunus myrtifolia (L.) Urb.	pessegueiro-do-mato	SI	zoo
Pseudopiptadenia contorta (DC.) G.P.Lewis & M.P.Lima	monjolo sabão/ vermelho	SI	ane
Pterocarpus rohrii Vahl	pau sangue	ST	ane
Pterygota brasiliensis Allemão	farinha-seca	ST	aut
Senegalia polyphylla (Dc.) Britton & Rose	teta-de-porca/cabelo de nego	SI	ane
Simarouba amara Aubl.	caixeta/marupá	SI	zoo
Spondias venulosa (Engl.) Engl.	cajá	SI	zoo
Tabebuia roseoalba (Ridl.) Sandwith	ipê-branco	SI	ane
Tabernaemontana laeta Mart.	esperta, leiteira	Pi	zoo
Trichilia hirta L.	óleo-mirim	SI	zoo
Trigoniodendron spiritusanctense E.F.Guim. & Miguel	milho-cozido	ST	zoo
Virola bicuhyba (Schott exSpreng.) Warb.	bicuíba	SI	zoo
Zanthoxylum rhoifolium Lam.	laranjinha	Pi	zoo

SUBPROJETO CONTEMPLADO NO PROGRAMA RIO RURAL/BIRD/GEF

PROTEÇÃO DE NASCENTES

As nascentes são olhos d'agua, fio d'agua, fonte ou cabeceira, onde se inicia um curso de água. Logo, é a área em que ocorre o afloramento da água de um lençol freático dando origem a um curso d'agua. As proteções de nascentes auxiliam no aumento e preservação desses olhos d'agua, fazendo com que os mesmos não desapareçam da natureza.

Nas proteções de nascentes é recomendado o plantio de espécies nativas e/ou o isolamento da área para que se recupere naturalmente, sem intervenção humana. Assim, como nas recuperações de matas ciliares, é extremamente recomendada a boa conservação da área, sem que haja intervenção negativa humana.

Os produtores rurais que receberam subsídios para o desenvolvimento do subprojeto de Proteção de Nascente necessitavam apenas fazer o isolamento da área de intervenção, impedindo o acesso de animais da pecuária como gado e cabra. As imagens a seguir ilustram o sucesso no desenvolvimento da área de intervenção dos produtores Ulisses Ribeiro Marinho e Jorge Ramos de Azevedo, que depois de oito anos de monitoramento é possível observar o aumento da cobertura da vegetação proveniente da regeneração natural.

Fotografias da área de intervenção do produtor Ulisses Ribeiro Marinho na fase inicial desenvolvimento do subprojeto de Proteção de Nascente no ano de 2010 (A) e no ano de 2018 (B).

Imagens aéreas da área de Proteção de Nascente do produtor Ulisses Ribeiro Marinho na fase inicial desenvolvimento do subprojeto de Proteção de Nascente no ano de 2008 (A) e no ano de 2017 (B) obtidas pelo Google Earth.

Fotografias da área de intervenção do produtor Jorge Ramos de Azevedo na fase inicial desenvolvimento do subprojeto de Proteção de Nascente no ano de 2010 (A) e no ano de 2018 (B).

Imagens aéreas da área de Proteção de Nascente do produtor Jorge Ramos de Azevedo na fase inicial desenvolvimento do subprojeto de Proteção de Nascente no ano de 2008 (A) e no ano de 2017 (B) obtidas pelo Google Earth.

COMO COLOBORAR PARA A MANUTENÇÃO DA BIODIVERSIDADE

Proteja as nascentes, olhos d'água e a vegetação de beira de rios (mata ciliar).

Não deixe seu lixo nas matas, rios, lagos e lagoas. Plásticos e metais, por exemplo, demoram mais de 100 anos para se decompor.

Evite queimadas. Faça aceiros.

Não plante plantas exótica sem antes buscar orientação técnica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

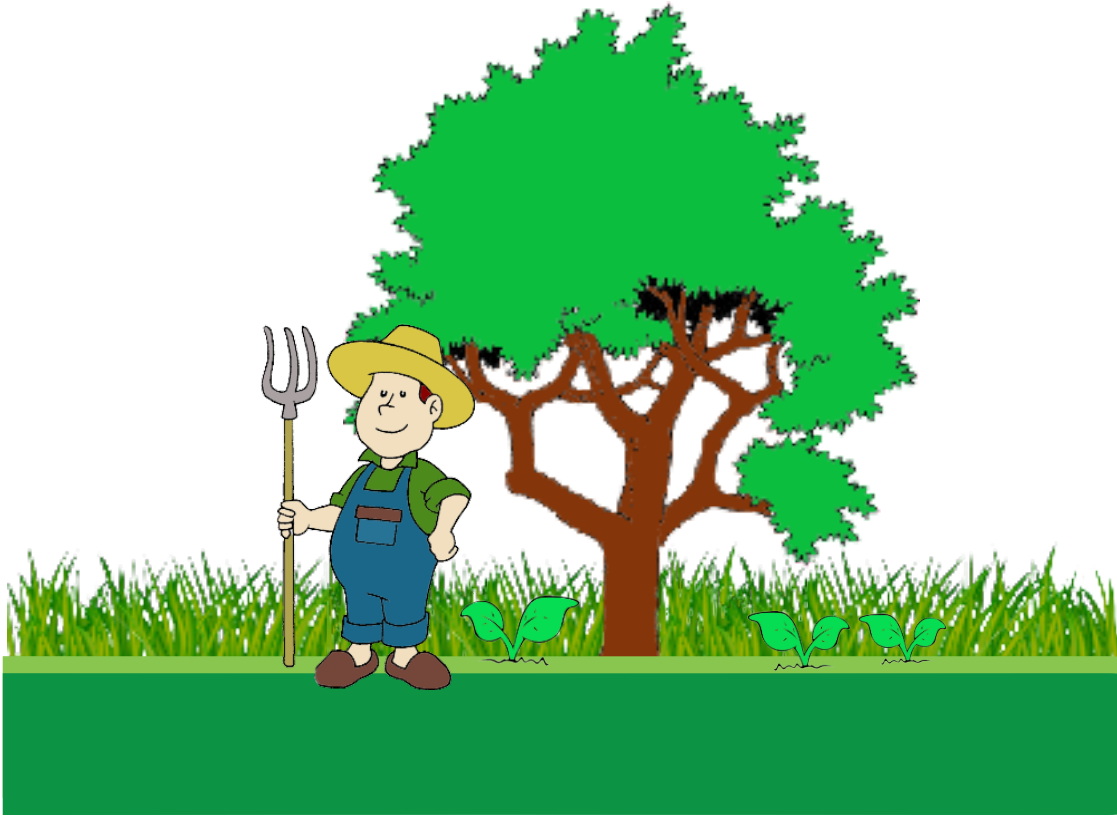
Lorenzi, Harri. Árvores brasileiras: Manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil / Harri Lorenzi. Nova Odessa, SP: Editora Plantarum, 1992.

Lorenzi, Harri. Árvores brasileiras: Manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil / Harri Lorenzi.
2ª ed. Nova Odessa, SP: Editora Plantarum, 1998.

Sites consultados:
http://www.ibama.gov.br/flora/extincao.htm
http://www.mma.gov.br
http://portalamazonia.globo.com/artigo_amazonia_az.php?idAz=296
http://www.pactomataatlantica.org.br/index.aspx
http://www.arvores.brasil.nom.br
http://reflora.jbrj.gov.br

ORGÃOS AMBIENTAIS NA REGIÃO

Para orientações e denúncias de infrações ambientais:
Secretaria Municipal de Meio Ambiente: (22) 3866-1210
INEA: http://www.inea.rj.gov.br/index/index.asp IBAMA: http://www.ibama.gov.br/



Ajude-nos na divulgação!

Mostre esta cartilha para outras pessoas. Elas também poderão contribuir para a manutenção da biodiversidade de sua região.

GOVERNO DO Rio de Janeiro

SECRETARIA DE AGRICULTURA, PECUÁRIA, PESCA E ABASTECIMENTO

RIO RURAL

EMATER-RIO

UENF Universidade Estadual do Norte Fluminense

Herbário UENF

CNPq Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

FAPERJ Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

gef

World Bank

FAO FIAT PANIS